

“Índios Tapuias”: sacrifício-ritual

Ilo Fernandes da Costa Júnior

UFRN

Palavras-chave: Índios Ritual Sacrifício

Este trabalho¹ pretende analisar a magia do feiticeiro no ritual dos “Índios Tapuias” no Bairro da Redinha na Zona Norte de Natal, explicitando significados e possíveis origens deste ritual.

A performance dos Índios Tapuias está presente em quatro momentos distintos: na segunda e terça-feira de Carnaval na Redinha; no desfile competitivo no carnaval da Ribeira; na festa religiosa do padroeiro de Genipabu²; no Dia do Índio³.

Enfocamos a apresentação dos “Índios Tapuias” na terça-feira de Carnaval por ser o dia da chamada “queimagem”⁴.

Talvez as hipóteses sobre a origem dos Blocos de Índios de Carnaval sejam: a primeira supõe que são uma forma do negro, do índio e/ou do mestiço poderem mostrar sua força no carnaval(GUERREIRO,2000); a segunda supõe que são a manifestação de um imaginário indígena que estava apenas submersa devido ao esquecimento, invisível aos olhos do poder público e das elites econômicas; a terceira propõe que são formas do imaginário construídas visando superar, pelo menos no nível do imaginário, as dificuldades da submissão; a quarta coloca as várias influências, dentre elas, a cultura negra, européia e indígena envolvidos num processo de teias de significados com interseções e circularidade que resultariam na criação dessas manifestações.

Neste sentido, a análise ritual é a percepção de significados manifestados e percebidos neste ritual:

A análise é, portanto, escolher entre as estruturas de significação – o que Ryle chamou de códigos estabelecidos, uma expressão um tanto mistificadora, pois ela faz com que o empreendimento soe muito parecido com a tarefa de um decifrador de códigos, quando na verdade ele é muito mais parecido com a do crítico literário – e determinar sua base social e sua importância(GEERTZ,1989:19).

¹ Fruto do Mestrado em Ciências Sociais na UFRN.

² O padroeiro de Genipabu é São Sebastião e o seu dia é 20 de Janeiro .

³ O dia do Índio é 19 de Abril.

⁴ Termo usado pelos integrantes para definir a execução completa da Performance dos “Índios Tapuias” incluindo as tochas e a fogueira.

No ritual encontramos também a performance, a teatralização e/ou espetacularidade expressa no próprio ritual que implica no reconhecimento de uma metodologia da teatralização na qual a existência coletiva inspira-se e realiza-se na representação do drama social(FONTENELLE, 1983).

A metodologia da teatralização seria captar o “drama social”(TURNER, 1974), que aflora na realização do ritual. Neste intuito, começamos a análise espetacular das cenas do feiticeiro, considerando o ato do feiticeiro como a encenação de um ato mágico que talvez por ter caído em desuso, pelo menos a luz das classes abastadas, é agora apenas representado, estando talvez ainda implícito na encenação a antiga prerrogativa de que "todo ato mágico é representado como um ato cujo efeito é de colocar seres vivos ou coisas em um estado que infalivelmente deve ser seguido de certos gestos, acidentes ou fenômenos, ou de fazê-los sair de um estado prejudicial(MAUSS, 1974: 90).

Assim colocamos a encenação do feiticeiro como ato da representação da magia com a intenção e o efeito de ressuscitar o caçador e seus escravos. Em suma, a magia, bem como sua encenação, pode ser reduzida ao sistema de classificações das representações coletivas(MAUSS, 1974).

O maracá do feiticeiro é o instrumento pelo qual a representação da magia se realiza, é como se o maracá fosse uma varinha mágica, em suma, o maracá representa o duplo do mágico, ou seja, a representação do seu poder. É através do maracá que o feiticeiro invoca os espíritos, obtendo assim o poder para ressuscitar o caçador e seus escravos.

Interpretamos a morte e o ato de jogar o caçador e seus escravos na fogueira como um a encenação de um sacrifício. O sacrifício é comum a vários ritos em diferentes épocas e civilizações, na feitiçaria hindu,

...a maior parte é de ritos de sacrifício ou de ritos em que o sacrifício está implicado; assim, o encantamento das flechas faz-se sobre uma fogueira de madeira de flechas, que é sacrificial; em todo esse ritual, uma parte do que é consumido é necessariamente sacrificada. Nos textos gregos, as indicações de sacrifícios são muito frequentes. A imagem do sacrifício impôs-se a ponto de, na magia, tornar-se uma imagem diretriz, de acordo com a qual ordena-se no pensamento o conjunto das operações...(MAUSS, 1974: 81-2).

Normalmente se sacrificavam animais e os queimavam na fogueira para que a fumaça chegasse aos deuses práticas comuns na Grécia e na Mesopotâmia.

Também na Europa medieval encontramos o sacrifício, "O tema do sacrifício ... é comum no que é conhecido da magia antiga e da Idade Média, encontrando-se alguns exemplos em toda parte; todavia, tais exemplos estão mais no mito do que na prática mágica "(MAUSS, 1974: 82).

A performance do Bloco talvez seja a encenação da magia por apresentar características como datas e locais definidos, as mortes do caçador e dos escravos poderiam ser interpretadas como a encenação de um sacrifício aos deuses, e a posterior ressurreição destes personagens seria a encenação de um ato mágico, o costume que alguns homens têm de executarem o ritual inebriado pela cachaça seria outra característica de ritual e magia pois ficam tomados pelo êxtase da bebida, a prática de desfilar ao entardecer, pois "...os dois crepúsculos são especialmente mágicos(MAUSS, 1974: 76), também é outra característica de ritual mágico, constituindo assim um rito. "Os atos mágicos são ritos e, descrevendo-os, mostraremos que se enquadram em tudo o que está contido na noção de rito(MAUSS, 1974: 74).

Apesar de não termos mitos no nosso objeto, pelo menos na forma de narrativas orais veiculadas pelos nossos entrevistados, porém temos o que interpretamos como mito encenado, que é a presença do mito universal do deus agonizante na encenação do Bloco. O deus agonizante foi vivido na prática pelo Capitão Cook ao ser confundido com o deus Lono e posteriormente ao ser morto e oferecido como sacrifício(SAHLINS, 2001).

Então, talvez o caçador e os seus escravos fossem os deuses agonizantes sacrificados e ressuscitados em honra das divindades, cumprindo o seu próprio destino anunciado nos mitos imemoriais que outrora teriam existido por essas terras.

Aliás, na encenação da magia, bem como na própria magia,

...encontramos na magia o que já encontramos no sacrifício. A magia implica uma confusão de imagens, sem a qual, no nosso parecer, o próprio rito é inconcebível. Como se confundem o sacrificante, a vítima, o deus e o sacrifício, confundem-se o mágico, o rito e os efeitos do rito, resultando numa mistura de imagens indissociáveis; esta confusão, é, aliás, ela mesma objeto de representação(MAUSS, 1974: 92).

A encenação da magia no desfile do Bloco talvez só seja possível pelo consentimento da sociedade local e é sobretudo um fenômeno social, é "...o aspecto mais espectacular duma realidade ideológica..."(AUGÉ ET AL, 1974: 13).

O sacrifício do invasor é necessário para manter a ordem social, representa a resistência física e cultural. Ao ressuscitar o caçador e seus escravos fica implícita uma oposição de ideologemas(PAVIS, 2003) de que ao mesmo tempo em que prega um interculturalismo no qual

cada cultura saberia escutar e conviver com a outra mas isto só é possível graças ao poder dos encantados e espíritos indígenas, ou seja, fica implícito um certo etnocentrismo cultural indígena.

Turner ao analisar o Ritual “Isoma” do povo Ndembo na África, este ritual está relacionado a cura da infertilidade feminina, nos mostra a necessidade de apresentarmos as oposições dicotômicas ao interpretarmos um determinado ritual(TURNER, 1974).

No entanto, cada ritual demanda a aplicação de sistema classificatório particular. “Em outros tipos de contextos rituais, outras classificações são aplicáveis”(TURNER, 1974: 58).

Concluimos que, talvez pela sua riqueza simbólica, a performance dos Índios Tapuias confere a si mesmo suntuosidade e importância cerimonial enquanto representação cênica sendo talvez uma performance afro-ameríndia-portuguesa forjado no caldeirão étnico-cultural brasileiro.

Talvez um dia, o carnaval dos Blocos de Índios possa não só substituir a importação e o artificialismo do Axé, do Sertanejo, do Samba, do Forró chulo, do Funk, e de quaisquer outros modismos culturais descartáveis que inundam a nossa sociedade como ser fonte de orgulho e renda para toda a população local integrando o turismo cultural.

Bibliografia:

AUGÉ(et al), Marc. **A Construção do Mundo: religião, representações, ideologia.** Trad. de Isabel Braga. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo/Brasília: Hucitec/Edunb, 1993.

FONTENELLE, Raposo. Nota Introdutória.IN: DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações.** Trad. de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: EDUFCE; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Ltc, 1989.

GUERREIRO, Goli. **A trama dos Tambores: a música afro-pop de Salvador.** Coleção Todos os Cantos. Capinas-São Paulo: 34, 2000.

PAVIS, Patrice. **A análise dos Espetáculos.** Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** Com uma introdução à obra de Marcel Mauss de Claude Levi- Strauss. Trad. de Lamberto Puccinelli. São Paulo: Epu, V. 1, 1974.

SAHLINS, Marshall. **Como pensam os "Nativos" : sobre o Capitão Cook, por exemplo.** Trad Sandra Vasconcelos. São Paulo : Edusp, 2001.

TURNER, V. W. **O Processo Ritual: Estrutura e Anti-Estrutura.** Petrópolis: Vozes, 1974.